

UMA ANÁLISE MORFOSSINTÁTICA ENTRE O PORTUGUÊS E O KIRIRÍ

Jéssica Natália Souza CARDOSO¹

Resumo

As pesquisas voltadas para a análise das línguas indígenas brasileiras ainda são tímidas, principalmente as que visam as línguas nativas do nordeste brasileiro. O presente trabalho teve como objetivo comparar o português brasileiro e o Kirirí. Para tal análise, utilizou-se o apoio teórico de Koch e Silva (2007; 2009), Azeredo (2000), Batista (2011), Câmara Jr. (2004), Monteiro (2002), Kehdi (2011) e Sautchuk (2010). A metodologia da pesquisa é de natureza bibliográfica e documental, por intermédio da gramática de Evanildo Bechara (2001), selecionada por ser uma das mais completas da categoria gramatical, e do material produzido pelo padre Luiz Vicencio Mamiani (1694 e 1872, respectivamente), por este padre ter sido um grande estudioso do Kirirí. Após a leitura do material, construiu-se quadros comparativos entre as duas línguas, eliminando-se o que foi encontrado em apenas uma língua, e descreveu-se os fenômenos comuns no Português e no Kirirí, constatando-se semelhanças e diferenças ocorridas na morfossintaxe das duas línguas. Ressalta-se a importância desta pesquisa para a etnolinguística, ciência que estuda a relação entre língua e sociedade, e também no aspecto cultural, para a preservação da identidade de um povo brasileiro que ainda existe e mantém o pouco que restou de sua língua materna.

Palavras-chave: Português; Kirirí; Análise Morfossintática.

Abstract

Research focused on the analysis of Brazilian indigenous languages is still timid, especially those aimed at the native languages of northeastern Brazil. The present work aimed to compare Brazilian Portuguese and Kiriri. For such analysis, the theoretical support of Koch e Silva (2007; 2009), Azeredo (2000), Batista (2011), Câmara Jr. (2004), Monteiro (2002), Kehdi (2011) were used and Sautchuk (2010) as well. Furthermore, the research methodology adopted is bibliographic and documentary, through the grammar of Evanildo Bechara (2001), selected for being one of the most complete in the grammatical category, and the material produced by Father Luiz Vicencio Mamiani (1694 and 1872, respectively), by this priest have been a great scholar of Kiriri. After reading the material, comparative tables were built eliminating what was found in just one language, and described the common phenomena in the Portuguese and Kiriri. Noting similarities and differences in the morphosyntax of both languages. It is emphasized the importance of this research for ethnolinguistic, science that studies the relationship between language and society, and also in the cultural aspect, for the preservation of the identity of a Brazilian people that still exists and keeps the little that is left of their mother tongue.

¹ Licenciada em Letras Português pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). E-mail: jessicalamperougue@gmail.com

Keywords: Portuguese. Kiriri. Morphosyntactic analysis.

INTRODUÇÃO

O Português e o Kirirí são línguas que, à primeira vista, parecem ser diferentes em todos os aspectos. A primeira é oriunda do latim, e passa por constantes mutações, a englobar lexemas de outras línguas em seu vocabulário, fazendo as alterações necessárias requeridas pelo Português e outros vocábulos que entram em desuso, além dos processos de formação de destes, com a utilização de afixos, formas presas que se juntam ao lexema. Quanto à segunda, é da família Karirí, do tronco Macro-Jê. Apesar de a tribo existir no nordeste brasileiro, sua língua materna se perdeu. Apenas poucos termos são usados durante seus rituais.

O presente trabalho é de cunho morfossintático, fusão das disciplinas de morfologia e sintaxe, que estudam respectivamente, a estrutura interna dos lexemas, com as construções passíveis de ocorrer na língua, e sua combinação para a formação de estruturas maiores, a oração. O trabalho originou-se da pesquisa “Prefixos Pronominais Kipeá”, que consistiu em um estudo tipológico de prefixos, os pronomes que nesta língua, são morfemas presos, dos vocábulos do Kiriri, para precisar quais suas funções e em que situações estes são usados. Como alicerce teórico, utilizou-se Batista (2011), Câmara (2004), Koch e Silva (2009), dentre outros.

A justificativa do trabalho é o fato de haver poucos estudos sobre línguas indígenas, na área da etnolinguística e o objetivo geral é comprovar as semelhanças entre ambas as línguas, além das diferenças por elas apresentadas.

A partir da finalidade geral, tem-se os objetivos específicos: construir quadros comparativos entre ambas as línguas, observando classes gramaticais comuns a estas; analisar os quadros comparativos, para discussão entre as semelhanças e diferenças entre elas e descrever como ocorre a morfossintaxe entre o Português e o Kirirí. A hipótese do presente trabalho é confirmar que, embora Português e Kirirí sejam muito diferentes, nos níveis morfológicos e sintático há semelhanças entre elas, corroborando o universal linguístico Lyons (1987) que afirma que toda língua apresenta igualdade e diferenças, e que não é diferente com o Kirirí, mesmo que ele não seja oriundo dos idiomas falados na Europa.

Assim, a problematização levantada é a escassez de material. Acredita-se que esta análise possa contribuir com trabalhos futuros de pesquisadores da etnolinguística, já que a área conta com poucas pesquisas não só do Kirirí, como de outras línguas indígenas que não têm raízes europeias. Sua relevância científica se dá pela preservação

da língua, pois para os cientistas, o corpus se mantém vivo, através do registro do catecismo e da gramática.

Os dados para as análises foram coletados de três obras: para o Português, utilizou-se Evanildo Bechara (2001), cuja justificativa para selecioná-la é o fato de esta gramática ser uma das mais completas na categoria, e o catecismo do padre Luiz Vincenzo Mamiani, que por vezes forneceu exemplos que não se encontraram na gramática, respectivamente (1698 e 1699), utilizada por ser a versão melhorada do material do padre João de Barros, primeiro historiador português e pioneiro da gramática portuguesa. Desta forma, esta investigação é de cunho sincrônico, visto que se trabalha com determinado momento da língua, e documental, pois os resultados e interpretações obtidos foram registrados nos escritos selecionados.

LINGUAGEM, LÍNGUA E FALA

A Linguística é a ciência responsável pelo estudo da língua, seja ela viva, quando ainda utilizada por uma população, ou morta, quando não existem falantes, tendo ou sido vítimas de genocídio, ou sido substituídas por outra língua. Seu estudo pode abranger toda a história da língua (diacrônico), ou fazer o recorte de determinada época de seu uso (sincrônico), método adotado por este trabalho, por não haver toda a documentação da história da língua em questão.

Segundo Petter (2014), os estudos linguísticos datam do século IV a.C. Os hindus começaram a registrar seus textos sagrados e os compilaram no “Veda”, para evitar modificações, enquanto os gregos questionaram se havia relação entre a palavra e o seu significado. Já os latinos, se preocuparam em definir a gramática como ciência e arte. Mas é no século XVI, com a Reforma, que os livros sagrados foram traduzidos para diversas línguas, mas o latim permaneceu como língua universal.

Após a Reforma, no ano de 1660, a “Gramática de Port Royal” se tornou modelo para a categoria gramatical, pois se baseia no pressuposto de que a linguagem tem como base a razão, que é tida como a imagem do pensamento, ou seja, a língua exterioriza as ideias; e os princípios de análise rotulados são usados em todas as línguas. Mas é no século XX, com o conhecimento de grande número de línguas vivas que se provocará o interesse pelo estudo comparativo, onde surge o método histórico, base das investigações linguísticas contemporâneas, pois demonstra as transformações sofridas pelas línguas com o passar do tempo, de grande importância para as gramáticas comparadas e a Linguística Histórica.

Um dos progressos nos estudos linguísticos foi o entendimento de que certas mudanças ocorridas na escrita primeiro ocorreram no plano da fala. Ainda no século XX, com a publicação póstuma do “Curso de Linguística Geral”, de Ferdinand de Saussure, os estudos sobre a língua passam a ter caráter científico, pois em seus primórdios, a Linguística não tinha o que era preciso para ser considerada uma ciência. Assim, seu papel se restringia a auxiliar outras disciplinas, a explicar fenômenos que estas por si só não conseguiam, e hipotetizar sobre o que ainda não era tido como um fato:

Antigamente, a Linguística não era autônoma, submetia-se às exigências de outros estudos, como a lógica, a filosofia, a retórica, a história, ou a crítica literária. O século XX operou uma mudança central e total dessa atitude, que se expressa no caráter científico dos novos estudos linguísticos, que estarão centrados na observação dos fatos da linguagem (PETTER, 2014, p.13).

Desde então, a Linguística mantém relações com ciências diversificadas, a fornecer dados para explicar determinados eventos e tomar uso de informações para fundamentar certos fenômenos. Saussure (2006, p. 14) confirma: “seria inadmissível que seu estudo se tornasse exclusivo de alguns especialistas; de fato, toda a gente dela se ocupa pouco ou muito.”

A Linguística faz uso do método científico para estudar língua, linguagem e fala, onde o seu objeto de estudo, que a depender da área, delimita uma ou mais categorias para sua investigação. Além de comparações, isola certos fatores para compreender qual a condição de ocorrência de determinados fenômenos. Todas as línguas, mesmo que não constituam a mesma família, compartilham os mesmos universais linguísticos: todas são usadas para a comunicação em sociedade, e segundo Maia (2006), todas partem do cérebro humano.

Após definir sobre o que a Linguística trata, descreve-se a seguir o que é linguagem, língua e fala. A linguagem é todo sistema de sinais que viabiliza a comunicação (TERRA, 1997). De acordo com seus componentes, se subdivide em verbal, onde se utiliza as palavras, não-verbal, que faz uso de outros elementos, como a imagem, contanto que não haja o uso de vocábulos, e mista, que utiliza os elementos da verbal e da não-verbal.

A língua é um sistema, bem de um grupo de indivíduos, composta por um conjunto de sinais, regidos por organização social, exterior ao seu falante, representada pela fala, como afirmado por Terra (1997, p.15): “A língua é exterior aos indivíduos, e

por isso, estes não podem criá-la ou modificá-la individualmente. Ela só existe em decorrência de uma espécie de contrato coletivo que se estabeleceu entre as pessoas e ao qual todos aderiram”.

A fala é distinguida por características próprias, expressões de que faz uso que a distingue das demais, também chamada de idioleto, que é similar a um idioma próprio, mas com uma abrangência menor. Diante do que foi afirmado, para proceder com o estudo, faz-se de suma importância abordar a morfossintaxe, onde a morfologia se insere dentro da sintaxe.

A morfologia é a área da linguística que estuda a estrutura interna das palavras, com as construções que ocorrem na língua e como estas são usadas, a obedecer regras para que sua estrutura seja gramatical. Como postulam Ferreira e Lobato (2013, p.58)“a morfologia trata da estrutura interna das palavras, dos seus constituintes significativos mínimos ou morfemas. Assim, a Morfologia pode ser definida como o estudo dos morfemas e seus arranjos na formação das palavras.”

A morfologia define como ocorre a concordância de um lexema com outro, as flexões realizadas pelos lexemas e os meios de que faz uso a língua e como se dá a regência verbal e se responsabiliza ainda pela classificação das palavras e as flexões de gênero, do masculino para o feminino e vice-versa e esclarece as mudanças pelas quais passam os vocábulos em um determinado contexto, pois no português um seletor grupo de lexemas apresenta mais de um sentido.

A morfologia procura especificar de onde surgiram os lexemas, explicar o seu processo de derivação e os morfemas, tidos na morfologia como a unidade mínima da língua, de acordo com Ferreira e Lobato (2013). O morfema é sua unidade significativa, e se caracteriza por aceitar em sua composição formas livres e presas, afixos, raízes e gramemas.

O conhecimento da estruturação da língua é a parte mais importante da competência linguística de um falante. O seu entendimento é inato sobre como seu léxico é organizado para que os lexemas atinjam novos níveis de complexidade, até alcançar o nível de sentença, como explicam Negrão *et al* (2005). Sautchuk (2010) completa:

O falante escolhe dentre um conjunto de possibilidades de formas que ainda estão ausentes no discurso e que relaciona aquelas que escolheu para que passem a estar presentes nesse “arranjo” linear que está construindo. A escolha dentre o acervo virtual se realiza numa linha vertical que contém todas as possibilidades: a esse conjunto de

unidades em ausência no discurso é que chamamos de eixo paradigmático. Ao arranjo que se vai estabelecendo, mediante forças muito específicas da língua, com as unidades em presença no discurso chamamos eixo sintagmático (2010, p. 8).

A sintaxe é a área da Linguística que estuda como ocorre a combinação de palavras que constrói os sintagmas, blocos de palavras. A seguir, como estes segmentos são organizados para a formação de sentenças simples, e como as sentenças simples se ordenam para se tornar sentenças complexas, como colocado por Berlinck *et al* (2006). Ferreira e Lobato (2013) complementam:

A sintaxe é a parte da gramática que estuda a combinação de palavras ou sintagmas para formar frases, bem como a função dessas palavras ou sintagmas dentro da frase. Da mesma forma, a morfologia estuda, por exemplo, a combinação de radicais com flexões ou de bases com afixos ou, ainda, de mais de uma base para formar compostos, produzindo palavras flexionadas ou complexas. Em todos esses processos tem-se um combinar, um pôr junto unidades menores para formar unidades maiores (FERREIRA e LOBATO, 2013, p. 40).

Assim, trabalha-se com o estudo de segmentos menores em maiores, denominados de orações, a combinação indireta de lexemas individuais em compostos, regidos por um núcleo, sua estruturação e regras para a sua constituição gramatical. Para a construção de sentenças, Azeredo (2000) afirma que os princípios sintáticos da língua são obedecidos, consistindo em uma hierarquia onde os segmentos que dela fazem parte usam mecanismos formais para se relacionarem.

METODOLOGIA

A presente pesquisa teve como primeira etapa, após a delimitação do tema, a reunião do referencial teórico, em que reflexões foram feitas acerca do tema. A segunda etapa foi o levantamento de dados, feito a partir da construção de um quadro comparativo entre o Português e o Kirirí, com o auxílio das gramáticas de Bechara (2001) e Mamiani (1877).

Para a terceira, após a conclusão dos quadros, seguiu-se por um processo de eliminação, em que o que foi encontrado apenas no português evitou-se mencionar, exceto em casos de maior necessidade, e o que encontrou-se apenas no Kirirí não foi mencionado, pois pretende-se dar continuidade a esta pesquisa, investigando tais fenômenos em trabalhos futuros. Na quarta, descreveu-se como ocorre a morfossintaxe

no Português e no Kirirí, com a confrontação dos dados provenientes da eliminação ocorrida anteriormente.

A ordem seguida para a apresentação das classes gramaticais foi a de Mamiani, e mesmo com a ausência de uma classe exclusiva para numerais no Kirirí, há um tópico nas análises somente para se tratar destes. Justifica-se a ausência de uma sessão para os artigos pelo fato de o Kirirí não apresentar artigos em sua constituição.

O estudo não poderia ser só morfológico ou sintático porque estes níveis por si só não forneceriam material de análise suficientes, além do fato da morfologia, que por estudar a estrutura interna dos lexemas, termina encontrando com a sintaxe, que investiga a combinação dos lexemas.

Assim, esta pesquisa é de caráter sincrônico, pois trabalha-se com uma determinada época das línguas em questão, não podendo ser diacrônica, que usa toda a história da língua em questão porque até agora há registros de apenas uma época do Kirirí; e documental, pois os resultados e interpretações obtidos foram registrados nos escritos selecionados.

ANÁLISE MORFOSSINTÁTICA

Segundo Monteiro (2002), afixo é uma forma presa que se combina com o lexema. Como não ocorrem sozinhos na oração, não constituem classes gramaticais. Três classes de afixos são comuns ao Português e ao Kirirí, onde os exemplos em português precedem os exemplos em Kirirí. O sufixo é colocado no final do lexema. Comumente, denota plural:

(1) pedreiros;

Ou não:

(2) amplitude;

No Kirirí, o sufixo também denota plural, onde o {-a} é o equivalente ao {-s} do Português, como destacado no exemplo abaixo:

(3) Uinuá.

Uinu-á.

Rapaz²-PL³.

Rapazes.⁴

2 Tradução literal, palavra por palavra.

3 Plural.

4 Tradução do pe. Mamiani.

(4) Tdizité.

Tidiz-té.

Mulher-PL.

Mulheres.

O {té} também faz plural, mas é exclusivo para lexemas que denotam parentesco. O interfixo une duas raízes:

(5) auriverde;

(6) Yacáwo⁵tçã?

Yacá-wo-tçã.

Cachorro-irritado-eu.

Sou por acaso um cachorro?

Por fim os prefixos, que são adicionados no início do lexema:

(7) **Infeliz.**

Como no Kirirí os prefixos são os pronomes, esta categoria será abordada primeiramente no Português, para dar continuidade à análise que se propôs a fazer.

Os pronomes no Português são formas livres e presas, onde um mesmo pronome pode assumir as duas formas, como exemplificado através dos pronomes oblíquos abaixo:

(8) Eu **me** cortei.

(9) Eu cortei-**me**.

No exemplo (9), observa-se que o pronome não é sufixo, como reforçado pelo uso do hífen. Os pronomes pessoais em ambas as línguas estão ilustrados no quadro abaixo, onde observa-se a presença de uma pessoa a mais no plural:

Pronomes do caso reto	Português	Kirirí
1ª pessoa do singular	Eu	Hi
2ª pessoa do singular	Tu	E
3ª pessoa do singular	Ele/Ela	I
1ª pessoa do plural exclusiva	-----	Hi-de
1ª pessoa do plural inclusiva	Nós	Cu-a
2ª pessoa do plural	Vós	E-a
3ª pessoa do plural	Eles/Elas	I-a

Tabela 1 - Um estudo comparativo entre o Português e o Kipeá⁶.

⁵ Este afixo denota enfado pela parte de quem fala.

⁶ Fonte: CARDOSO, Jéssica Natália Souza. **Um estudo comparativo entre o Português e o Kipeá.** 2019. 69 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual do Piauí. Piri-piri, 2019.

No Kirirí, o exemplo (9) não pode ocorrer, pois os pronomes ocorrem como formas presas. Como demonstrado no quadro acima, só há sufixo se a pessoa for do plural:

- (10) **Hinhade.**
Hi-nha-de.
1P-por-PL.
Por nós.

Os pronomes relativos no Português substituem um termo para evitar repetição, ou remetem uma palavra à outra:

- (11) A casa **onde** ele mora é pequena.

No Kirirí, o pronome relativo também substitui um termo. Observe como o processo ocorre na forma original, e com a substituição, com o termo destacado, respectivamente:

- (12) Inhanhikié wanhereá.
I-nhanhikié wanhereá.
3SIN⁷-ter saudades-PRE⁸ fazenda.
Ele tem saudades da fazenda.

- (13) Inhanhikié **morohó**.
I-nhanhikié morohó.
3SIN-ter saudades-PRE lá.
Ele tem saudades de lá.

Os pronomes possessivos nas duas línguas denotam posse sobre algo. No entanto, o processo se dá de forma diferente. Observe:

- (14) **Sua** calça rasgou.

No Kirirí, o pronome possessivo é o mesmo pronome pessoal, mas expressa semanticamente porque o objeto é do interlocutor. No exemplo abaixo, a vaca é minha porque a criou:

- (15) **Hienki** do cradzó.
Hi-enki do cradzó.
Meu-criação vaca.
Minha vaca.

7 Terceira pessoa do singular.
8 Presente.

Sobre os numerais, ambas as línguas os apresentam, mas de forma diferente: enquanto o Português apresenta uma categoria apenas para os numerais, o Kirirí os insere dentro da categoria dos adjetivos, rotulando-os como adjetivos numerais, enquanto os demais são chamados de adjetivos não-numerais, de acordo com o padre Mamiani. As categorias encontradas nas duas línguas são os cardinais, que denotam o número, e ordinais, que classificam a posição, respectivamente:

(16) Comprei **um** pacote de biscoitos.

No Kirirí:

(17) Myrepri wachanidikie misã sai.

Três e os dedos das mãos.

Oito.

Acredita-se que a contagem numérica se dava desta forma em Kirirí pelo fato de a tribo não precisar de numerais maiores. Outra hipótese para explicar este fato é de que talvez o Kirirí ainda estivesse se desenvolvendo como língua, quando houve o contato com o colonizador.

(18) Visitei Fernando de Noronha pela **terceira** vez.

(19) Wachanidikie.

Terceiro.

Com relação aos verbos, no Português, o mesmo verbo desempenha a forma ativa e passiva:

(20) Eu **comprei** a blusa.

(21) A blusa **foi comprada** por mim.

No Kirirí, os verbos se dividem entre aqueles que assinalam movimento:

(22) My.

Ser levado.

E os que não assinalam movimento:

(23) **Hibabanhi**.

Hi-babanhi.

1SIN-esperar-PRE.

Eu espero.

Enquanto o Português difere modo e tempo verbal, O Kirirí não o faz. Sobre os modos verbais, as duas línguas apresentam os seguintes:

a) Subjuntivo, que expressa a dúvida de que algo venha a ocorrer:

(24) **Se** você terminar a atividade, poderá ir brincar.

No Kirirí, o subjuntivo se constrói com a preposição {no} no início da oração, somente quando o seu sentido for de “se”, pois essa preposição também pode ser traduzida por “como” ou “porque”:

(25) **No** hibahècri.

No hi- bahè-cri.

Se 1SIN-temer-PRP.

Se eu temi.

b) Imperativo, que pede/ordena algo a alguém:

(26) **Tome** o remédio.

No Kirirí, o imperativo se constrói com o {dó} no início da oração:

(27) Do icotó.

Do i-cotó.

3SIN-Furtar-IMP.⁹

Furte ele.

c) Indicativo, aponta certeza da ocorrência de algo:

(28) Amanhã **vamos** ao veterinário.

No Kirirí, diferente do que se viu até agora, não há acréscimos ou eliminações na oração:

(29) Ibahé.

I- bahé.

3SIN-enfadar-se-PRE

Ele enfada-se.

Apresenta-se agora os tempos verbais comuns a ambas as línguas:

a) Pretérito perfeito, alui a algo que ocorreu e que foi concluído:

(30) Ela **lavou** a louça quando eu cheguei.

(31) Nós **lemos** Dom Casmurro como livro do mês.

(32) Eu **ri** de sua piada.

No Kirirí, o pretérito perfeito se dá com o acréscimo do sufixo {-cri}:

(33) I-cotocri.

I- coto- cri.

3SIN-Furtar-PRP

Ele furtou.

⁹ Imperativo.

Diferente do que ocorre no Português, o Kirirí apresenta apenas uma terminação para todas as pessoas de um mesmo tempo verbal.

b) Pretérito imperfeito, em que a ação foi interrompida antes de sua conclusão:

(34) Eu me **arrumava** quando ele chegou.

No Kirirí, o pretérito imperfeito se forma com os advérbios doró e docohò. Ambos são traduzidos por “então”, a diferença é que o primeiro se usa no início da oração, e o restante, no final, além de nunca serem usados os dois na mesma oração, um é suficiente:

(35) Ebý **docohò.**

E-by docohò.

2SIN-correr-PRI então.

Tu corrias.

(36) **Doró** ihaehae.

Doró i-haehae.

Então 3SIN-rir-PRI

Ele ria.

c) Pretérito mais-que-perfeito, que relata uma ação ocorrida antes da ocorrida no pretérito perfeito:

(37) Ela entendera de maneira equivocada o ocorrido.

No Kirirí, o pretérito mais-que-perfeito é formado através da junção entre o pretérito perfeito e o imperfeito:

(38) I crikiè**cri** **docohò.**

I- crikiè-cri docohò.

3SIN- pedir-PRMP¹⁰ então.

Ele pedira.

(39) **Doró** e nabetcè**cri**.

Doró e- nabetcè-cri.

Então 2SIN-esquecer-PRMP

Tu esqueceras.

d) Futuro do presente, uma ação que está por acontecer:

(40) Eles **partirão** o bolo quando o pai chegar.

10 Pretérito mais-que-perfeito.

No Kirirí, esta formação verbal se dá com o acréscimo do {-di} no fim da oração:

(41) Cucrikieàdi.

Cu- crikie-a-di.

1PL- pedir-FUT¹¹.

Nós e vós pediremos.

e) Presente do indicativo, ação que logo ocorrerá:

(42) Eles **precisam** de ajuda com a tarefa.

No Kirirí, tal como o modo indicativo, o presente do indicativo não pede por acréscimos ou eliminações:

(43) Hipotçò.

Hi- potçò.

1SIN-acordar-PRE.

Eu acordo.

Tem-se ainda o gerúndio, que ocorre no Português com um verbo auxiliar mais o verbo principal com a terminação {-ndo}:

(44) Ela **está se exercitando**.

No Kirirí, não há a presença de um verbo auxiliar, somente o verbo principal com a terminação {-inghi}, equivalente a {-ndo} do Português:

(45) Hipotçò**inghi**.

Hi-potçò-inghi.

1SIN-acordar-GER.

Acordando eu.

E os verbos irregulares, que recebem este nome por fugirem da conjugação normal:

(46) Tu **hás** de fazer (verbo haver).

O verbo itú no Kirirí se conjuga apenas no presente:

(47) Icotoitù.

I- coto- itù.

3SIN-furtar-estar fazendo.

Ele está furtando.

Sobre os substantivos, no Português vêm no início da oração:

¹¹ Futuro.

(48) **Juliana** é minha amiga.

Ou no meio:

(49) Comprei meu **sapato** naquela loja.

Em Kirirí, ele ocorre no meio da oração:

(50) Morè sitè Caraí do hipadzù.

Morè sitè Caraí do hi-padzù.

Logo 3SIN-vir-PRE branco ele meu-pai.

Logo vem o branco meu amo.

A respeito dos adjetivos, em ambas as línguas estes concordam e acompanham o substantivo. Podem vir no início da oração:

(51) **Bonito** o carro que você comprou.

Ou após o substantivo, o que é mais comum:

(52) Carro **bonito** o que você comprou.

O Kirirí difere do Português pelo uso de prefixos combinados aos lexemas, que semanticamente os classificam:

(53) **Crokenkè**

Cro-kenkè.

Redondos-avlos.

Olhos.

No exemplo acima, o sufixo {cro-} é usado para apontar o que é redondo. Mas se usado com um lexema diferente, pode apontar aves ou pedras.

A respeito do grau comparativo, os graus de inferioridade e superioridade são comuns às duas línguas, respectivamente:

(54) A moça é **menos** cuidadosa **que** sua irmã.

(55) **Urò** dicanghiri **urò** iburê.

Urò dicanghi-ri urò iburê.

Isso 3ª pessoa reflexiva-bom-relativo isso 3ª pessoa-mau.

Isto é bom, este outro é mau.

Note que o grau de inferioridade se dá de forma diferente, o que não ocorre com o grau de superioridade:

(56) A moça é **mais** cuidadosa **que** sua irmã.

(57) Ità cradzò **bò** mýdzè.

Gostoso vaca de peixe

A carne é mais gostosa que o peixe.

Com relação às preposições, elas são formas livres no Português e podem vir no início da oração:

(58) **Com** ou sem você, irei embora.

Ou no meio:

(59) Esta questão é difícil **de** resolver.

No Kirirí, as preposições são formas presas no fim da oração:

(60) **Hiai**.

Hi-ai.

1SIN-a.

A mim.

E no início:

(61) **Ibetè** dipopò.

I-betè di-popò.

3SIN-por seu-irmão.

Está aí esperando por seu irmão.

Como forma livre, vem no meio da oração:

(62) Niocri **no** carai.

Nio-cri no carai.

Fazer-isto-PRP a branco.

Foi feito pelo branco.

Sobre os advérbios, são classificados por categoria no Português. Podem ser de tempo:

(63) Vocês chegaram **tarde**.

Indicar lugar:

(64) Moro **aqui** desde 1999.

Expressar modo:

(65) Você agiu **bem**.

Negar algo:

(66) Eu **não** quebrei o prato.

Expressar dúvida:

(67) **Talvez** volte um dia.

E afirmar:

(68) **Certamente** comparecerei ao evento.

Enquanto os advérbios no Português são classificados de acordo com o critério semântico, o Kirirí usa o sintático, em que divide seus advérbios em quatro classes. A primeira é dos advérbios que ocorrem apenas no início da oração:

(69) **Bihé** inhurae Tupã

Bihé i-nhu-raeTupã

Só seu-filho Deus

Só seu filho nosso senhor.

Os de segunda, usados apenas no fim da oração:

(70) Niobarae.

Nio-barae.

Começar-recém

Começar-se a fazer.

De terceira, entre um lexema e outro:

(71) Canghi **cruby** ewatçã bó tdziteá.

Bem entre tu as mulheres

Bendita és tu entre as mulheres.

E os de quarta classe, que não possuem apenas uma posição, por isso denominados de indiferentes.

(72) **Berò** wandi.

Já disse ?-dar.

Já disse que não há.

(73) Mó **yemy**.

Em cima.

Quanto às interjeições, nas duas línguas estas podem constituir uma frase:

(74) Oxalá!

(75) Agá!

Ai!

O diferencial é que as interjeições são diferentes para os dois sexos. No exemplo (75), a interjeição é usada apenas pelas mulheres. Para o homem dizer “ai”, a interjeição é:

(76) Yahé.

Por último, tem-se as conjunções. As conjunções apresentadas a seguir são as comuns nas duas línguas:

a) aditivas, que ligam um elemento a outro:

(77) Faço academia e caminhada.

(78) Mýbae bodzò, mýbae tasi.

Mý-bae bodzò mý-bae tasi

3SIN-Levar-PRP machado, 3SINlevar-PRP enxada

Levou o machado, e enxada.

b) alternativas, que exprimem uma opção:

(79) Vá hoje **ou** amanhã.

(80) Erae **bohò**, tidzi **bohò**.

Homem ou, mulher ou.

O macho, ou fêmea.

c) causais, que indicam resultado oriundo de uma ação:

(81) **Como** não prestou atenção, não aprendeu o conteúdo.

(82) Vdje iwó**bó** acawidóbae do Tupã bó hohóci íbae?

Que modo-para que 2PL-sobretudo para Deus de ? subir?

De que maneira haveis de amar a Deus sobre todas as coisas?

d) adversativas, que exprimem uma contradição a algo que foi dito anteriormente:

(83) Ela iria à praia, **mas** estava chovendo.

(84) Itú JESUChristo diyacrísí nó Santa Maria Virgem, **ibonó** fitóhók é Santa Maria nó eraeté nerú.

Acreditar Jesus Cristo ? da Virgem Santa Maria, com tudo ? carga Santa Maria da homem-? mas.

Crer que nasceu da Virgem Maria, ficando ela sempre virgem.

e) coordenadas, que ligam orações coordenadas ou lexemas:

(85) Não gosta **nem** de gato, **nem** de coelho, e sim de cachorro.

(86) **Inaró** sibatea mó Arãkiedí.

Por isso 3PL-morada Reino do Céu.

Porque deles é o Reino do Céu.

Observa-se que o português é mais complexo que o Kirirí, à medida que apresenta em sua morfossintaxe classes a mais, como a dos artigos, e possui mais subdivisões nas classes gramaticais que o Kirirí, como o caso das conjunções demonstrado por último, embora os advérbios no Kirirí sejam mais numerosos. A complexidade do Português também mostra-se através das categorias verbais, que possuem sufixos diferentes para as pessoas do discurso e suas conjugações, além das

alterações no radical, enquanto o Kirirí exige apenas o acréscimo de advérbio ou preposição, onde o radical permanece intacto.

Outra ocorrência específica é o caso dos adjetivos, que para diferentes categorias, tais como objetos redondos e seres vivos, com exceção das aves, exige prefixos. Assim, nota-se em ambas as línguas, as semelhanças entre elas, como a presença das classes gramaticais, e as diferenças, como o fato de o pronome ser forma livre no Português e ser um prefixo no Kirirí. Os afixos no Português são modificadores, e no Kirirí são classes gramaticais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo norteador desta pesquisa foi a proposta de proceder a um estudo de cunho comparativo, sobre a morfossintaxe do Português e do Kirirí. O ponto de partida foi a hipótese de que todas as línguas apresentam características semelhantes, mesmo que não haja grau de familiaridade entre as línguas estudadas. Duas línguas, mesmo que sejam dos polos norte e sul, apresentam semelhanças, mesmo que nunca tenham se cruzado em algum momento da história. Atenderam-se os objetivos e as hipóteses através do confronto de dados entre as duas línguas.

Através da comparação sincrônica, comprovou-se fatos únicos ao Português e ao Kirirí, Os dados obtidos demonstraram que todas as classes gramaticais são comuns às línguas estudadas, com exceção do artigo, que não existe no Kirirí. As preposições são frequentes em ambas as línguas. A diferença é a forma como cada língua utiliza as preposições.

Outras classes gramaticais são internas, como os numerais, que não possuem classe gramatical própria, e são internos aos adjetivos, isto é, a classe de numerais está contida na classe dos adjetivos, denominada de “adjetivos numerais”, sendo apenas ordinais e cardinais no Kirirí. A presença de afixos também é comum às línguas estudadas, em que no Kirirí, os prefixos, morfemas presos, são pronomes, diferentes do Português onde nesta classe gramatical quase todos os pronomes são formas livres, com exceção dos oblíquos quando são postos após o verbo.

Enquanto no Português existe a diferenciação dos modos verbais, o Kirirí não diferencia os tempos dos modos verbais. Para conjugar os tempos verbais no Português, adiciona-se a raiz verbal os sufixos, escolhidos ao se levar em conta o tempo e a pessoa do discurso a que se refere, enquanto no Kirirí faz-se uso de advérbios ou preposição. O substantivo no Português aceita pronomes possessivos, enquanto que no Kirirí, às vezes

é necessário usar um outro pronome possessivo, que realiza a combinação do pronome com o substantivo

No Português, os adjetivos concordam com o substantivo em gênero e número, e geralmente são colocados após o substantivo. No Kirirí, o adjetivo também é empregado geralmente após o substantivo, mas necessita de prefixos, a depender da categoria de que se fala, como objetos redondos, seres vivos que não sejam pássaros, etc. Enquanto que o Português expressa três categorias para o grau comparativo (inferioridade, igualdade e superioridade), o Kirirí apresenta apenas o de inferioridade e o de superioridade.

Os advérbios no português são divididos em categorias. No Kirirí, os advérbios são divididos em quatro grupos: os do primeiro, são usados apenas no início da oração; os do segundo, somente no fim da oração; do terceiro, precedem um lexema; e do quarto, onde os advérbios que não aparecem em uma ordem fixa, os indiferentes. A semelhança nesta categoria é que os advérbios em português e em kirirí são formas livres.

As interjeições em ambas as línguas são empregadas em contextos particulares, onde algumas constituem sozinhas frases, e outras são usadas apenas no início da oração. A diferença se dá no kirirí, porque algumas interjeições são usadas apenas por homens, e outras apenas por mulheres, mesmo que as interjeições em questão tenham o mesmo significado. As conjunções nas duas línguas são divididas em aditivas, alternativas, causais, adversativas e coordenadas.

O estudo desenvolvido é importante para a etnolinguística, cujo banco de dados carece de contribuições, por esta área ser relativamente nova. O aporte para a Linguística se dá através da constatação das classes gramaticais existentes no kirirí e quais os seus contextos de uso. Ao se estudar uma outra língua da família Kariri, do tronco Macro-Jê, uma língua irmã do Kirirí, há a hipótese de as classes gramaticais e/ou seus contextos de uso sejam similares, mas somente com estudos futuros essa teoria se comprova ou se rejeita.

Por fim, a colaboração para a sociedade civil ocorre pela preservação dos documentos sobre o Kirirí, que auxiliarão em estudos sobre línguas, além de ser patrimônio imaterial da cultura brasileira. Espera-se que este trabalho inspire outros pesquisadores a investigarem sobre as línguas indígenas, acrescentando desta forma mais conhecimento ao acervo de línguas indígenas de que se dispõe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, José Carlos de. **Iniciação à Sintaxe do Português**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 8 ed. 2000.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. **A palavra e a sentença**. São Paulo: Parábola, 2011.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001

BERLINCK, Rosana Andrade. AUGUSTO, Marina R. A. SCHER, Ana Paula, Sintaxe. In: MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina (Orgs.) **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. v.1 São Paulo: Cortez. 6 ed. 2006.

CÂMARA, JR. Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2004.

CARDOSO, Jéssica Natália Souza. **Um estudo comparativo entre o Português e o Kipeá**. 2019. 69 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual do Piauí. Piri-piri, 2019.

FERREIRA, Maria de Nazaré de Oliveira. LOBATO, Maria Cristina Ataíde. **Textos didáticos do Curso de Licenciatura em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa – Modalidade a Distância. Morfologia**. Pará: Gráfica Universitária – UFPA, 2013.

KEHDI, Valter. **Morfemas do Português**. São Paulo: Ática, 2007.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. SILVA, Maria Cecília Pérez de Souza. **Linguística Aplicada ao Português: Morfologia**. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. **Linguística Aplicada ao Português: Sintaxe**. São Paulo: Cortez, 2009.

MAIA, Marcus. **Manual de Linguística: subsídios para a formação de professores indígenas na área de linguagem**. Brasília: LACED/Museu Nacional: 2006.

MAMIANI, L. V. **Arte de Grammatica da Lingua Brasilica da Naçam Kiriri**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional. 2ª ed. 1877.

_____. **Catecismo Kiriri**. Nota introd. De Robolfo Garcia. Edição Fac-Similar, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1698.

MONTEIRO, José Lemos. **Morfologia portuguesa**. 4.ed. Campinas: Pontes, 2002.

NEGRÃO, Esmeralda Vailati. SCHER, Ana Paula. VIOTTI, Evani de Carvalho. Sintaxe: explorando a estrutura da sentença. In: FIORIM, José Luiz (org.) **Introdução à Linguística: Princípios de análise**. v.2 São Paulo: Contexto, 2005.

PETTER, Margarida. Linguagem, língua, linguística. In: FIORIM, José Luiz (org.) **Introdução à Linguística: Objetos teóricos**. v.1. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2014. p.11-24

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SAUTCHUK, Inez. **Prática de morfossintaxe**: como e por que aprender análise (morfo) sintática. Barueri: Manole, 2010.

TERRA, Ernani. **Linguagem, língua e fala**. São Paulo: Scipione, 1997.

Submetido em: 16/11/2019.

Aprovado em: 19/10/2020.

Como referenciar este artigo:

CARDOSO, Jéssica Natália Souza. Uma análise morfossintática entre o português e o kirirí. revista **Linguasagem**, São Carlos, v.36, jul./dez. 2020, p. 38-58.